A COMPREENSÃO DE POVO DE DEUS NA TEOLOGIA DE COMBLIN, GESTOS DE SINODALIDADE

Washington Luiz Sebastião Nunes[1]

Resumo
Este trabalho deseja expor a ideia de povo de Deus, dentro da teologia de Comblin. A reflexão teológica mostra o significado da eclesiologia do Vaticano II, e sua correspondência na experiência sinodal do Papa Francisco. Comblin colabora na construção da identidade de povo de Deus dentro de uma perspectiva de encontro, escuta e missão, como se desejou no Concílio. Para isso seguimos dois passos: A reflexão teológica no significado do povo de Deus – sua eclesiologia e o enriquecimento da sinodalidade que se evidencia no pontificado de Francisco. Por isso, a teologia de Comblin fortalece a eclesiologia dentro da perspectiva sinodal.
Palavras-chave: Eclesiologia. José Comblin. povo de Deus. Sinodalidade.

INTRODUÇÃO

O entendimento do povo de Deus carrega em si um grande significado bíblico, teológico para a vida da Igreja. Este trabalho almeja apresentar este termo tendo como ponto de partida, o grande teólogo, José Comblin, dentro das comemorações do seu centenário. Esta terceira jornada de estudo, evidencia os seus 100 anos de vida e missão na América Latina. É momento oportuno de visitar as suas obras e penetrar em sua teologia e eclesiologia. A partir desta noção, se desenvolverá, o sentido de ser povo em vista de um maior pertencimento da lógica Reino de Deus que se efetiva na Igreja.

O Concílio Vaticano II, traz vivamente para o seio eclesial, a redescoberta da expressão povo de Deus como um pertencimento, que age em unidade e não se nota diferenças e distinções. Comblin (2002) atesta:

> O conceito de "povo de Deus" foi a contribuição teológica principal do Vaticano II e que esse conceito condicionou todos os documentos conciliares. Mais ainda, "povo de Deus" é o conceito que mais expressa o "espírito" do Vaticano II. Se quiséssemos numa palavra exprimir o que trouxe o Vaticano II para a Igreja, precisaríamos dizer: lembrou à Igreja que ela é povo de Deus. (COMBLIN, 2002, p. 9).

É muito consistente essa elaboração conciliar e de igual maneira, a forma com que Comblin aborda essa atualização de povo de Deus, para a maneira eclesiológica do chão em que ele vive, dentro do panorama latino-americano, especialmente no Brasil. Suas constru-

[1] Possui graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano – Batatais – SP (2019) e é graduando do curso de Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. E-mail: washigtonluiz61@hotmail.com

ções teológicas favorecem essa formatação de fidelidade e de aproximação da Igreja, por sua vez, reaviva na eclesiologia o termo que desde o Antigo Testamento é nomeado como a parcela querida por Deus, isso se configura efetivamente como o seu povo. Essa comunicação mostra a colaboração deste teólogo para embasar ainda mais as contribuições do Vaticano II e por sua vez, enaltecer esse retorno às fontes presentes nas Sagradas Escrituras.

O caminho traçado aqui se conclui com a grande simbologia sinodal, trazida no pontificado de Francisco, onde, enaltece o sentido de povo de Deus que em unidade, busca elementos práticos de construção de sinodalidade. O desejo do papa em convocar um Sínodo busca uma escuta atenta de todos, revelando um caminho de comunhão, participação e missão, é, com toda certeza, momento de fortalecer essa similitude da comunidade eclesial que se congrega em vista de cada vez mais se conformar ao que acredita e vive pela experiência religiosa.

Isto posto, é possível perceber na teologia de José Comblin traços dos elementos sinodais, com que se deseja vivenciar na Igreja a partir do Papa Francisco.

O POVO DE DEUS NA TEOLOGIA DE JOSÉ COMBLIN

O povo de Deus é a chave de leitura que ilumina todos os documentos do Concílio Vaticano II, entre eles, a Constituição dogmática *Lumen Gentium*, que trata especificamente da Igreja. O segundo capítulo ganha destaque, visto que ele trata do povo de Deus.

> Esta nova aliança instituiu-a Cristo, o novo testamento no Seu sangue (cfr. 1 Cor. 11,25), chamando o Seu povo de entre os judeus e os gentios, para formar um todo, não segundo a carne mas no Espírito e tornar-se o Povo de Deus. Com efeito, os que crêem em Cristo, regenerados não pela força de germe corruptível mas incorruptível por meio da Palavra de Deus vivo (cfr. 1 Ped. 1,23), não pela virtude da carne, mas pela água e pelo Espírito Santo (cfr. Jo. 3, 5-6), são finalmente constituídos em «raça escolhida, sacerdócio real, nação santa, povo conquistado... que outrora não era povo, mas agora é povo de Deus» (1 Ped. 2, 9-10). (CONCÍLIO, 1962-1965, n.p., n. 9).

Neste documento, é nítido que o povo de Deus participa da missão profética e santa de Deus, isso acontece por intermédio do Espírito Santo. O povo de Deus é configurado plenamente em Cristo e por Ele, há uma extensão a todos os povos da terra, isto é, todos os fiéis espalhados pelo mundo mantêm-se em comunhão com os demais no Espírito Santo. Este povo não só reúne povos diversos, atrai para si mesmo, se desenvolve uma união das várias ordens. "o povo de Deus não constitui mais, desde Jesus, um povo separado. Não é povo ao lado dos outros, mas igual aos outros em tudo. É povo dentro dos outros" (COMBLIN, 2002, p. 135). A eclesiologia toma um novo rumo, com o Vaticano II, os padres conciliares "queriam expressar essa vontade de mudança escolhendo o tema do povo de Deus" (COMBLIN, 2002, p. 20) e ainda, "queriam inaugurar uma nova época e pôr ponto final a uma época ultrapassada" (COMBLIN, 2002, p. 20).

É visível o desejo do Vaticano II em integrar a todos, nessa parcela comum de ser povo de Deus. Os cargos ou ministérios dentro da Igreja, não estão excluídos desta dinâmica que é comum a todos. Há um desejo no concílio de valorizar o leigo e reconhecer a sua importância na comunidade, buscando evitar o clericalismo crescente. "Os leigos são o povo de Deus e tudo o que se refere a eles vem da participação no povo de Deus" (COMBLIN, 2002, p. 40).

Em se tratando de eclesiologia, Comblin reforça: "a teologia do povo de Deus deve entrar em todos os capítulos da eclesiologia porque é a chave que permite relacionar o divino e o humano na Igreja" (COMBLIN, 2002, p. 51). É mister esse entendimento uma vez que oferece meios para pensar a dinâmica eclesial em conjunto, oferecendo espaço para fomentar um diálogo como uma *práxis* efetiva que "põe a Igreja em movimento de aproximação com o contexto, refletindo uma Igreja Povo de Deus, comunitária e inclusiva" (SOUZA, 2017, p. 246). Essa concepção de comunitariedade e inclusão é algo muito próprio da teologia do povo de Deus, porque, não é algo imposto ou distante, é algo vivenciado e por conta disso é possível tornar uma eclesiologia que se insere nos cenários, onde cada um tomando como elemento central o que se vive, torna-se normativa para instituição.

> Se a Igreja é povo, isso quer dizer que a sua unidade não consiste simplesmente na comunhão de fé, de sacramentos e de governo. Essas funções geram uma comunhão espiritual. Porém, essa comunhão deve encarnar-se numa comunhão humana. Sem isso, ela permanece puramente inconsistente, varia de conteúdo, ilusão de comunhão sem conteúdo real. O que faz a união dos discípulos de Jesus tem o seu enraizamento material, concreto – realiza-se em forma de povo. O povo de Jesus são as multidões que o seguem, ou os discípulos que o acompanham e recolhem os seus ensinamentos e os põem em prática na vida do seu povo. (COMBLIN, 2002, p. 147).

Aqui fica muito claro a percepção de Comblin e de sua elaboração eclesiológica, há uma integralidade na sua construção teológica, e ao defender o povo de Deus como uma forma de identificar os fiéis que constituem a Igreja e também os que estão fora dela, por este motivo o Concílio recorda: "ao novo Povo de Deus todos os homens são chamados" (CONCÍLIO, 1962-1965, n.p., n. 13) ou ainda, "o Povo de Deus encontra-se entre todos os povos da terra, já que de todos recebe os cidadãos, que o são dum reino não terrestre mas celeste" (CONCÍLIO, 1962-1965, n.p., n. 13). Já que, "O fato é que povo de Deus significa mais que uma expressão e um conceito teológico, pois traduz em si o que é a Igreja mesma" (SOUZA, 2017, p. 2003).

É visível a universalidade deste povo que se em Jesus adquire um caráter missionário. A Igreja segue nessa missão de ser a comunidade onde Deus congrega este povo por meio do Espírito Santo. Esse Espírito é a força que nutre a cooperação na realização do propósito de Deus, que estabeleceu Cristo como princípio de salvação para o mundo inteiro. A pregação do evangelho é parte constituinte desta missionariedade da Igreja, isto é, cada discípulo tem por obrigação propagar a fé e fazendo isso, edifica ainda mais este povo de Deus. Esses discípulos no anúncio do Reino não devem esquecer-se do que apontou Comblin: "o que faz o povo de Deus é a animação do povo dos pobres em vista da liberdade e da justiça" (COM-

BLIN, 2002, p. 160). Nesse ínterim, o povo não pode esquecer dessas duas máximas que são constitutivas dessa sua pertença de ser povo de Deus: a liberdade e a justiça.

Diante do que foi exposto até aqui, se pode perceber que com o Concílio Vaticano II, a Igreja inicia um processo de abertura que mudarão completamente a sua identidade, pondo em xeque a noção eclesiológica do início da modernidade. Com o desejo de retorno às fontes, no que diz respeito às vivências dos primeiros cristãos, lugar de vivência do essencial, do que é tangível, isto é, a Palavra de Deus e a comunidade – a vida fraterna. Destarte lembra Comblin: "No cristianismo as origens são normativas de modo absoluto. Por isso, tudo o que se localiza mais perto das origens vale mais do que a evolução ulterior" (COMBLIN, 2002, p. 360-361). O povo de Deus vive o que está escrito nas Sagradas Escrituras e por viver, é capaz de em comunidade realizar atos que os diferenciam dos outros povos, no sentido do testemunho, basta que se perceba os relatos contidos nos Atos dos Apóstolos e nas primeiras comunidades.

Comblin reflete o que se vive no Vaticano II, e sem sombra de dúvidas já põe em evidência o que hoje se vivencia com o Papa Francisco. O pontífice deseja uma Igreja cada vez mais povo de Deus, integrada no concreto do hoje, tendo presente, "a Igreja vista como a totalidade do povo de Deus que evangeliza" (FRANCISCO, 2013, n.p., n. 17).

A reflexão eclesiológica de Comblin de povo de Deus é com toda certeza uma premissa do que se vem elaborando no pontificado de Francisco, um espaço onde o povo é parte muito considerável do todo, onde cada fiel pode a seu modo colaborar para a ampliação da Igreja, que não se encontra ensimesmada, mas abre-se para o encontro, para a escuta e para perceber as experiências de lugares e situações distintas.

Portanto, é de evidenciar que com Comblin na sua obra povo de Deus, apresenta gestos da vivência sinodal, especialmente quando ele apresenta uma reflexão a partir do chão de suas realidades, vividas e sentidas na América Latina, mais precisamente no Brasil. Ele ao elaborar reflexões no tocante a defesa dos pobres, inculturação, *práxis* latino-americano, o povo e sua cultura, a presença do povo de Deus no governo da Igreja etc. corrobora essa dinâmica da sinodalidade querida com muito gosto pelo Papa Francisco. A seguir, pode-se perceber como essa noção integral do povo de Deus se assimila notadamente com que se almeja com o Sínodo a ser realizado neste ano.

A SINODALIDADE UM GESTO DE FRANCISCO PARA O FORTALECIMENTO DO POVO DE DEUS

O Papa Francisco desde o início de seu papado mostra claramente a sua visão de Igreja muito semelhante com a que se deseja com o Concílio Vaticano II. A compreensão da Igreja como povo de Deus é uma reflexão muito fundamentada em suas reflexões e no testemunho de sua vida. Comblin conclui o seu livro o povo de Deus da seguinte forma: "O que se esperaria do próximo pontificado seria uma maior aproximação da Igreja como povo de Deus: uma

Igreja dos pobres. Para fundamentar isso, seria demais esperar alguém com a visão de mundo de João XXIII?" (COMBLIN, 2002, p. 410).

A resposta a essa pergunta de Comblin, está nos gestos de Francisco, que dia após dia, vem testemunhando o desejo de uma Igreja pobre, que escuta e que busca viver a radicalidade do Evangelho. Logo no início de seu pontificado em sua primeira Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (Alegria do Evangelho) (2013), o papa acentua esse desejo:

> Ser Igreja significa ser povo de Deus, de acordo com o grande projecto de amor do Pai. Isto implica ser o fermento de Deus no meio da humanidade; quer dizer anunciar e levar a salvação de Deus a este nosso mundo, que muitas vezes se sente perdido, necessitado de ter respostas que encorajem, dêem esperança e novo vigor para o caminho. (FRANCISCO, 2013, n.p., n. 114).

O caminho do sínodo deste ano, trata especificamente da sinodalidade, o papa na preparação deste grande momento para Igreja quis escutar as mais variadas situações da Igreja, nas dioceses ao redor do mundo. Ele, por meio do caminho sinodal, quer que as reflexões tomadas a partir do sínodo, mostrem com mais clareza o rosto da Igreja de Cristo, convocada a ser desde sempre povo de Deus. Essa experiência foi convocada pelo sumo pontífice e intitulada: "Para uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão" (DOCUMENTO, 2021, n.p.). No documento preparatório, afirma-se: "o nosso "caminhar juntos" é o que mais implementa e manifesta a natureza da Igreja como Povo de Deus peregrino e missionário" (DOCUMENTO, 2021, n.p., n. 2).

O gesto de Francisco na convocação deste sínodo revela um bonito sinal de que a Igreja quer cada vez mais, se configurar ao que evidenciou Vaticano II, seja dentro ou fora da Igreja, uma epifania permanente deste povo que caminha e enquanto caminha busca a fidelidade ao Reino de Deus. Visto que é urgente:

> viver um processo eclesial participativo e inclusivo, que ofereça a cada um – de maneira particular àqueles que, por vários motivos, se encontram à margem – a oportunidade de se expressar e de ser ouvido, a fim de contribuir para a construção do Povo de Deus. (DOCUMENTO, 2021, n.p., n. 2).

Aqui, o documento preparatório para o sínodo fortalece o desejo de Francisco em perceber as realidades concretas em que localizam as pessoas que constituem a Igreja. É preciso aprimorar a participação desse povo e incluí-lo na dinâmica eclesial. Essa apreensão desse cenário, só é possível com o pertencimento de ser povo de Deus, pois, "quem vive como povo são os pobres, ou pelo menos somente eles têm condições para ser povo de Deus. Os outros são fiéis, "leigos", indivíduos isolados, cada um contribuindo para a sua salvação eterna" (COMBLIN, 2002, p. 410).

Consequentemente essa compreensão de povo está tão presente no pontificado de Francisco, que ele compreende a Igreja como uma reunião de muitos que vivem a integralidade, com convicção do que se apresenta no evangelho de Jesus. Isso só é possível se for feito em um caminho de sinodalidade. Pinheiro (2021) aponta:

> Essa sinodalidade promove a ideia de uma Igreja dialógica, uma vez que é essencialmente um processo de escuta e de aprendizado mútuos que devem ocorrer em todos os níveis da Igreja. Desse modo, também afirma a plena realidade teológica das igrejas locais. (PINHEIRO, 2021, p. 570).

É pelo gesto sinodal que se adentra com mais força no pensamento integral desse povo de Deus que, em unidade, busca traçar os caminhos da Igreja para os próximos anos. É pela escuta e a participação de todos que será possível uma Igreja mais próxima do Evangelho, o Papa Francisco incansavelmente lembra da beleza e da singularidade de se conformar a Cristo pelo nosso testemunho, que deve acontecer nas coisas mais simples. É preciso extinguir as barreiras dos ensimesmamentos, indiferenças, preconceitos etc., só assim será possível vislumbrar a beleza de ser um único povo de Deus.

Em síntese, Papa Francisco (2020) lembrou em uma de suas homilias na casa Santa Marta:

> O cristianismo não é uma "elite" de pessoas escolhidas pela verdade. Este sentido elitista que depois vai em frente na Igreja, não é? Por exemplo, eu pertenço a esta instituição, pertenço a este movimento que é melhor do que o vosso. Este, aquele. É um sentido elitista. Não, o Cristianismo não é isto: o Cristianismo é pertença a um povo, a um povo escolhido livremente por Deus. Se não tivermos esta consciência de pertença a um povo seremos cristãos ideológicos, com uma pequena doutrina de afirmação da verdade, uma ética, uma moral - está bem - ou uma elite. Sentimo-nos parte de um grupo escolhido por Deus - os cristãos - os outros irão para o inferno ou se forem salvos é pela misericórdia de Deus, mas eles são os descartados... E assim por diante. Se não tivermos a consciência de pertença a um povo, não somos verdadeiros cristãos. (FRANCISCO, 2020, n.p.).

Em Francisco, há um convite a pensar o povo de Deus como a célula mãe que constitui a Igreja. Essa identificação só é possível onde a consciência se abre para compreender que desde sempre, o povo de Deus é formado de pessoas mais simples, e estas não podem deixar de ser ouvidos, sem perder de vista que ""caminhar juntos", é o desafio e a esperança da Igreja neste terceiro milênio. Um modo de ser Igreja e uma profecia para o mundo de hoje" (PINHEIRO, 2021, p. 571).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A guisa de conclusão, o percurso da Igreja desde o Concílio Vaticano II é pôr em evidência a ideia de povo de Deus na vida eclesial. Ainda hoje, se verifica o desafio desse pensamento, seja pelo longo arco temporal de uma Igreja voltada para outras máximas – elucubrações ou de um caminho distorcido desse entendimento.

Por sua vez, Comblin em sua reflexão teológica expôs muito bem o espírito conciliar e como ao longo dos anos será possível vislumbrar a Igreja como este único povo de Deus. O Papa Francisco vem tornando acessível a realização do Vaticano II, seus gestos de atualização da Igreja, tornam-se cada vez mais próximos das conjunturas eclesiais e do mundo como um todo. Eis a exortação de Francisco (2013):

> São Paulo afirma que no povo de Deus, na Igreja, «não há judeu nem grego (...), porque todos sois um só em Cristo Jesus» (Gal 3, 28). Eu gostaria de dizer àqueles que se sentem longe de Deus e da Igreja, aos que têm medo ou aos indiferentes: o Senhor também te chama para seres parte do seu povo, e fá-lo com grande respeito e amor! (FRANCISCO, 2013, n.p., n. 113).

Portanto, feito esse caminho, verificar-se-á que tanto Comblin como o Papa Francisco, trazem gestos muito preponderantes da prática sinodal, e mostra como é possível a vivência e o pertencimento do povo de Deus engajado na vida das pessoas, especialmente nos mais necessitadas, os pobres, que têm um lugar privilegiado em Deus. É compreendendo isto que a Igreja poderá viver a sua eclesiologia de ser povo de Deus.

REFERÊNCIAS

COMBLIN, José. **O povo de Deus.** 2. ed. [São Paulo]: Paulus, [2002]. 410 p ((Temas de atualidade)). ISBN 8534918333.

CONCÍLIO Vaticano II, 1962-1965, Vaticano. **Constituição Dogmática Lumen Gentium**. Não paginado. n. 9, 13. Disponível em: < https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html>. Acesso em: 24 de maio de 2023.

DOCUMENTO preparatório Sínodo 2023. Vatican News. Disponível em: < https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2021-09/texto-lido-em-portugues.html>. Acesso em: 25 de maio de 2023.

FRANCISCO. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***. Vaticano, 24 de novembro de 2013. Não Paginado. n. 17 e 114. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html>. Acesso em: 25 de maio de 2023.

FRANCISCO. **Homilia do Papa Francisco.** "Ser cristão significa pertencer ao povo de Deus". Roma, 07 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2020/documents/papa-francesco-cotidie_20200507_consapevoli-diessere-popolodidio.html>. Acesso em: 26 de maio de 2023.

PINHEIRO, José Ernane. O pensamento do padre José Comblin e sua sintonia com o Papa Francisco: articulação entre ação, missão e liberdade. **Fronteiras.** Recife, Vol. 4, n. 2, p. 554-578, jul./dez., 2021.

SOUZA, Alzirinha. A expressão "povo de Deus" na prática de Francisco. **Grande Sinal** Revista de Espiritualidade e Pastoral. São Paulo, Vol. 75, n. 02, p. 199-215, jul./dez. 2021.

SOUZA, Alzirinha. A prática de Comblin: a Igreja do chão da realidade. **Horizonte** Revista de Teologia e Ciências da Religião da PUC Minas. Minas Gerais, Vol. 15, n. 45, p. 239-255, jan./mar. 2017.